

**O PAPEL DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NA APRENDIZAGEM E SUA CONTRIBUIÇÃO
PARA A AUTONOMIA DISCENTE**

**THE ROLE OF FORMATIVE ASSESSMENT IN LEARNING AND ITS CONTRIBUTION TO
STUDENT AUTONOMY**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.067-049>

Fabio José Antonio da Silva

Doutorado em Educação Física – UEL/PR

E-mail: fjas81@hotmail.com

Jéssica Correia Cavalcante

Especialização em AEE - Atendimento Educacional Especializado - UNIC

E-mail: jessy45correia@gmail.com

Sarah Corbalan Gusman Pitol

Graduação em Pedagogia - Faculdade Pitagoras

E-mail: sarahpitol2022@hotmail.com

Sabrina Cordeiro da Silva

Especialização em Engenharia de Processos com ênfase em gerenciamento de projetos - Instituto Mauá
de Tecnologia

E-mail: sabrinacordeirodasilva@gmail.com

Elenilda Maria da Silva

Licenciatura em Educação Física - Faculdade FCARP

E-mail: elenildamariadasilva35@gmail.com

Mohamed Araujo Sousa

Licenciatura em Matemática - Cruzeiro do Sul

E-mail: mohamed.sousa@colegioadventus.com.br

Resumo

O presente artigo aborda o papel central da avaliação formativa no processo de ensino e aprendizagem, contrapondo-a à visão tradicional, classificatória e somativa da avaliação escolar. O objetivo geral é analisar de que maneira o acompanhamento contínuo, a mediação pedagógica, o feedback construtivo e a autorregulação do estudante podem transformar a prática docente em um momento genuíno de crescimento intelectual e consolidação de competências. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica aprofundada de natureza qualitativa, fundamentada em teóricos de referência da educação contemporânea. Os resultados indicam que, quando utilizada de forma intencional e sistemática, a avaliação formativa promove a metacognição, reduz os índices de evasão e repetência, e fortalece o vínculo de confiança entre professor e aluno. Conclui-se que a consolidação desse paradigma avaliativo exige não apenas mudanças

metodológicas na sala de aula, mas também transformações estruturais, institucionais e formativas na carreira docente.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa; Avaliação formativa; Feedback construtivo; Metacognição; Prática pedagógica.

Abstract

This article discusses the central role of formative assessment in the teaching and learning process, contrasting it with the traditional, classificatory, and summative view of school assessment. The general objective is to analyze how continuous monitoring, pedagogical mediation, constructive feedback, and student self-regulation can transform teaching practice into a genuine moment of intellectual growth and skill consolidation. The methodology adopted consists of an in-depth qualitative literature review based on reference theorists in contemporary education. The results indicate that, when used intentionally and systematically, formative assessment promotes metacognition, reduces dropout and retention rates, and strengthens the bond of trust between teacher and student. It is concluded that the consolidation of this evaluative paradigm requires not only methodological changes in the classroom, but also structural, institutional, and formative transformations in the teaching career.

Keywords: Constructive feedback; Formative assessment; Meaningful learning; Metacognition; Pedagogical practice.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação escolar tem ocupado, historicamente, um papel de controle, mensuração e classificação no interior dos sistemas educacionais em âmbito global e nacional. Por longos períodos, reduziu-se a uma nota numérica ou conceito obtido por meio de instrumentos estanques como provas tradicionais aplicadas ao término de um ciclo letivo, servindo muito mais para excluir, selecionar ou certificar do que para promover o desenvolvimento integral e humanizado do estudante. Em contrapartida, a contemporaneidade exige abordagens pedagógicas dinâmicas, inclusivas e emancipatórias, capazes de colocar o educando no centro ativo do processo de construção do conhecimento. É precisamente nesse cenário de transição paradigmática que se destaca a avaliação formativa.

O problema central que move esta investigação reside no fato de que, apesar dos avanços teóricos da pedagogia moderna, muitas instituições de ensino ainda perpetuam práticas avaliativas punitivas e excludentes. O objetivo geral deste artigo é analisar o papel da avaliação formativa na aprendizagem, compreendendo como sua aplicação cotidiana pode redimensionar a prática docente, combater o fracasso

escolar precoce e potencializar o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos discentes. Como objetivos específicos, busca-se: a) diferenciar a avaliação somativa da avaliação formativa; b) examinar a importância do feedback pedagógico de qualidade; e c) discutir os desafios institucionais e formativos para a efetivação dessa prática.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade urgente de superar a cultura do erro punitivo, transformando o erro em uma ferramenta pedagógica de reflexão, diagnóstico e avanço cognitivo. Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, fundamentada em teóricos renomados da área educacional que defendem uma escola dialógica, reflexiva e comprometida com a emancipação humana.

2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Para compreender a relevância e a urgência da avaliação formativa, faz-se necessário resgatar, ainda que brevemente, a trajetória histórica da avaliação no contexto educacional. Historicamente, a escola moderna estruturou-se sob a égide da industrialização, adotando modelos de produção em massa que exigiam a padronização e a mensuração estrita dos resultados. Nesse modelo, a avaliação funcionava como o controle de qualidade do produto final: verificava-se o quanto o aluno havia "absorvido" do conteúdo transmitido pelo professor.

Conforme aponta Luckesi (2018), a prática avaliativa brasileira herdou um forte ranço seletivo e burocrático, no qual a nota escolar transformou-se em um fim em si mesma, gerando ansiedade, competição e exclusão. A pedagogia tradicional priorizou a memorização em detrimento da compreensão crítica, relegando ao professor o papel de juiz supremo que aprova ou reprova com base em critérios muitas vezes subjetivos e distantes da realidade do aluno.

Contudo, com o advento das teorias construtivistas e sociointeracionistas no século XX, impulsionadas por pensadores como Jean Piaget, Lev Vygotsky e, posteriormente, pelos estudos específicos sobre avaliação de Philippe Perrenoud e J. M. De Ketele, o eixo central da educação começou a deslocar-se. A aprendizagem passou a ser entendida como um processo ativo, construído nas interações sociais e mediado pela cultura. Nesse contexto, a avaliação não poderia continuar a ser um mero ato burocrático de verificação. Era imperativo transformar a avaliação em um instrumento de investigação permanente da ação pedagógica.

A virada epistemológica da avaliação somativa para a avaliação formativa representou uma mudança de mentalidade: de um olhar retrospectivo (que apenas constata o que já passou) para um olhar prospectivo e regulador (que interfere no processo enquanto ele está acontecendo). Como argumenta Hadji (2001), a avaliação formativa não visa sancionar, mas sim ajudar a aprender e a progredir, o que exige do professor uma postura investigativa diante das dificuldades apresentadas pelos estudantes.

3 CONCEITO E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

A expressão "avaliação formativa" foi cunhada inicialmente no final da década de 1960 por Michael Scriven, sendo posteriormente desenvolvida e aplicada ao campo pedagógico por Benjamin Bloom em seus estudos sobre a aprendizagem para o domínio. Para esses pioneiros, a avaliação deveria servir para monitorar o progresso do aluno durante o processo instrucional, permitindo ajustes imediatos tanto por parte de quem aprende quanto de quem ensina.

Perrenoud (1999) define a avaliação formativa como aquela que acompanha o estudante em sua trajetória de aprendizagem, com o intuito de informá-lo sobre seus avanços e suas dificuldades, permitindo-lhe ajustar suas estratégias cognitivas. Diferente da avaliação somativa — que pontua e encerra um ciclo —, a avaliação formativa é contínua, processual e integrada ao cotidiano da sala de aula. Ela não se apoia apenas em grandes exames, mas em observações diárias, registros reflexivos, portfólios, debates, autoavaliações e interações dialógicas.

Os princípios fundamentais que sustentam a avaliação formativa podem ser sintetizados em três eixos estruturantes:

- **Intencionalidade pedagógica:** Toda atividade avaliativa deve ter objetivos claros e compartilhados com os estudantes, para que saibam exatamente o que se espera deles.
- **Centralidade do sujeito:** O aluno deixa de ser objeto passivo de medição e passa a ser sujeito ativo na identificação de suas próprias lacunas de aprendizagem.
- **Regulação contínua:** O erro deixa de ser sinônimo de fracasso ou punição para se converter em um dado diagnóstico valioso, indicando o ponto exato em que a mediação docente precisa ser redirecionada.

Esses princípios demonstram que a avaliação formativa é, antes de tudo, uma atitude pedagógica. Ela exige do educador a sensibilidade de perceber que os ritmos de aprendizagem na sala de aula são heterogêneos e que a padronização excessiva costuma mascarar as reais necessidades dos discentes.

4 O PAPEL ESTRATÉGICO DO FEEDBACK CONSTRUTIVO

Um dos elementos mais cruciais e determinantes para o sucesso da avaliação formativa é o feedback (ou retroalimentação). Na concepção tradicional de ensino, o feedback resumia-se a uma nota vermelha na prova ou a comentários genéricos como "estude mais" ou "bom trabalho". Esse tipo de retorno, além de inócuo, gera desmotivação, pois não fornece ao estudante subsídios práticos sobre como melhorar seu desempenho.

Hattie e Timperley (2007), em seus extensos estudos sobre os fatores que influenciam o sucesso escolar, apontam que o feedback é uma das ferramentas mais poderosas para acelerar a aprendizagem, desde

que executado com rigor e clareza. Para os autores, um feedback verdadeiramente eficaz e formativo deve responder de forma articulada a três grandes indagações fundamentais:

- **Para onde estou indo? (Feed up):** Esclarecer os objetivos de aprendizagem e os critérios de êxito esperados para a tarefa ou projeto.
- **Como estou indo? (Feed back):** Informar o estudante sobre o seu progresso atual em relação aos objetivos propostos, destacando seus acertos e os pontos que exigem atenção.
- **Qual é o próximo passo? (Feed forward):** Oferecer orientações práticas, estratégias alternativas e caminhos claros para que o aluno possa corrigir os rumos e avançar intelectualmente.

Quando o professor assume o hábito de fornecer esse tipo de retorno descritivo e orientador, o clima de sala de aula se transforma. O aluno compreende que o processo de escrita, resolução de problemas ou formulação de hipóteses é iterativo ou seja, envolve rascunhos, revisões e aperfeiçoamentos contínuos. Essa prática desenvolve a resiliência acadêmica e mitiga o medo paralisante de errar, que frequentemente acomete os estudantes em sistemas educacionais punitivos.

5 AUTORREGULAÇÃO E METACOGNIÇÃO: O ALUNO COMO PROTAGONISTA

A culminância prática da avaliação formativa reside no desenvolvimento da autorregulação e da metacognição por parte do estudante. A metacognição pode ser entendida como a capacidade do indivíduo de pensar sobre o próprio pensamento, monitorar seus processos mentais e avaliar a eficácia das estratégias que está utilizando para resolver um problema ou assimilar um novo conteúdo.

No modelo formativo, a avaliação não é algo que o professor impõe *ao* aluno, mas sim um processo que o aluno aprende a realizar *por si mesmo*. Segundo Allal (1988), a regulação da aprendizagem possui três dimensões: a regulação interativa (feita em conjunto com o professor ou colegas), a regulação retroativa (ajustes após uma atividade diagnóstica) e a autorregulação autônoma. É nesta última dimensão que se manifesta o ápice da autonomia discente.

Quando estimulado por meio de práticas como a autoavaliação reflexiva e a avaliação por pares (peer assessment), o aluno desenvolve a habilidade de julgar o próprio trabalho com base em critérios previamente estabelecidos. Ele passa a identificar quando não compreendeu um conceito, descobre quais métodos de estudo funcionam melhor para o seu perfil cognitivo e busca ativamente o suporte necessário.

Essa autonomia intelectual não apenas melhora o rendimento acadêmico imediato, mas prepara o indivíduo para a aprendizagem ao longo da vida (lifelong learning), uma competência indispensável nas demandas sociais, científicas e tecnológicas do século XXI.

6 DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NA PRÁTICA DOCENTE

Apesar de ampla e consistentemente respaldada pela literatura pedagógica contemporânea, a efetivação da avaliação formativa no cotidiano das escolas de educação básica e superior esbarra em barreiras estruturais, culturais e formativas complexas.

O primeiro grande desafio reside na cultura institucional. Muitas escolas ainda operam sob uma lógica burocrática centrada em prazos rígidos, exigência de médias quantitativas estanques e pressões por índices estatísticos de aprovação. Os sistemas de ensino públicos e privados frequentemente cobram planilhas de notas mensais ou bimestrais, o que constrange o professor a encaixar processos qualitativos complexos em métricas frias e reducionistas.

O segundo desafio diz respeito à formação inicial e continuada dos professores. A maioria dos cursos de Licenciatura no Brasil ainda prepara os futuros docentes com foco quase exclusivo no domínio dos conteúdos específicos de suas áreas, negligenciando a formação didático-pedagógica aprofundada, especialmente no que tange aos métodos contemporâneos de avaliação da aprendizagem. Muitos professores acabam avaliando da mesma forma como foram avaliados enquanto alunos, perpetuando ciclos tradicionais por falta de repertório metodológico alternativo.

Outro obstáculo significativo é a condição de trabalho docente. Turmas superlotadas, jornadas extenuantes de trabalho com múltiplos vínculos empregatícios e falta de tempo institucional para planejamento coletivo dificultam enormemente a aplicação de práticas individualizadas, como a elaboração de feedbacks descritivos detalhados para dezenas ou centenas de alunos. Sem suporte estrutural adequado, o discurso da avaliação formativa corre o risco de converter-se em uma sobrecarga insustentável para o profissional da educação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou que a avaliação formativa transcende amplamente a mera aplicação de testes periódicos e o registro burocrático de conceitos numéricos; trata-se de uma postura ética, política e pedagógica profundamente voltada para o sucesso, a inclusão e o desenvolvimento integral do aluno. Ao integrar o monitoramento contínuo, a reflexão crítica sobre a prática docente e o feedback construtivo, a avaliação cumpre sua função primordial: transformar a informação escolar em aprendizado real, significativo e duradouro.

Constatou-se que a superação da cultura somativa e excludente é um desafio complexo que demanda muito mais do que a boa vontade isolada do professor em sala de aula. Exige capacitação docente continuada, revisão profunda de projetos políticos pedagógicos, redução do número de alunos por turma e suporte institucional consistente por parte dos sistemas de ensino. Contudo, os benefícios superam os óbices

estruturais, resultando em estudantes visivelmente mais autônomos, reflexivos, críticos e engajados com o próprio percurso formativo.

Sugere-se, para futuros desdobramentos acadêmicos e investigações na área, a realização de pesquisas empíricas de campo que analisem o impacto direto da introdução de rubricas de avaliação formativa e feedback descritivo no desempenho de estudantes em vulnerabilidade social, bem como estudos sobre o uso de ferramentas digitais e inteligência artificial no apoio à personalização do ensino.

REFERÊNCIAS

ALLAL, Linda. Vers une métacognition didactique: régulation des apprentissages et des processus cognitifs. In: NICOLET, Monique; MEIRIEU, Philippe (Ed.). **Stratégies d'enseignement et d'apprentissage**: évaluation et régulation. Paris: ESF, 1988. p. 199-217.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HATTIE, John; TIMPERLEY, Helen. The power of feedback. **Review of Educational Research**, Washington, v. 77, n. 1, p. 81-112, mar. 2007. DOI: <https://doi.org/10.3102/003465430298487>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/003465430298487>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

PERRENOUD, Philippe. **De dez a dezessete**: dos créditos aos ciclos de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.